Breve história e etnografia do grupo *Novo Fazendinha*: o São João Da Parnaíba (PI), seus artistas e bois rivais.

A brief history and ethnography of the Novo Fazendinha group: São João da Parnaíba (PI), its artists and rival oxen.

Wesley Fontenele Frota

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7008>

DOI: 10.4000/pontourbe.7008

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Wesley Fontenele Frota, « Breve história e etnografia do grupo *Novo Fazendinha*: o São João Da Parnaíba (PI), seus artistas e bois rivais. », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 05 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7008> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7008>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 setembro 2020.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Breve história e etnografia do grupo Novo Fazendinha: o São João Da Parnaíba (PI), seus artistas e bois rivais.

A brief history and ethnography of the Novo Fazendinha group: São João da Parnaíba (PI), its artists and rival oxen.

Wesley Fontenele Frota

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 19/06/2019

Aceitação / Accepted 15/10/2019

- 1 Discutirei neste artigo a atividade dos grupos de Bumba-meu-boi de Parnaíba (Piauí), em diálogo com a história da cidade. O *São João da Parnaíba* é a maior festa popular do município piauiense, com seus grupos de boi, quadrilhas juninas e apresentações de bandas musicais. Em 2007, o *São João da Parnaíba* ganhou uma grande arena para receber as apresentações dos grupos de Bumba-meu-boi, a qual se chama Praça Mandu Ladino, mas é mais conhecida como quadrilhódromo. Os artistas voltaram sua atenção para outras festas populares como o carnaval carioca e o Boi-Bumbá de Parintins e os bois passaram a encenar novos temas a cada ano. Esses elementos são as principais modificações estéticas promovidas pelos artistas de Bumba-meu-boi que fazem o *São João da Parnaíba* acontecer.
- 2 Luiz Mott em *Piauí Colonial: população, economia e sociedade* (2010) afirma que o estado do Piauí só foi conquistado no fim do século XVII, diferentemente das demais Capitânicas do Nordeste, cuja colonização e exploração iniciaram ainda no século XVI (MOTT 2010:171). Em 1674, o português Domingos Afonso Sertão descobre e povoa o Piauí com

o intuito de aumentar sua fortuna através da criação de gado nas regiões situadas entre o Rio Parnaíba e a Serra da Ibiapaba. A economia açucareira estava estabelecida no Nordeste, de modo que eram necessários espaços para a criação de gado bovino. O Piauí, por dispor de poucos rios perenes, de seu baixo índice de chuvas e pelas fracas possibilidades de desenvolvimento da agricultura para exportação acabou ocupando esse espaço, “sendo considerado durante séculos como o curral e açougue das áreas canavieiras” (MOTT 2010:172). Vinte e três anos após a descoberta do território hoje denominado Piauí já existiam ali 129 fazendas de gado. Em 1730 esse número passou para 400, e 578 fazendas em 1772.

- 3 A importância da criação de gado para a economia do estado se relaciona com outro aspecto de sua colonização. O Piauí foi o único estado do Nordeste cuja colonização não se deu do litoral para o interior, mas de forma contrária, a partir de seu interior pela busca e exploração de terras para a criação de gado. A importância do gado para a economia naquele período e essa especificidade quanto à colonização são elementos de primeira importância para entender o desenvolvimento do estado. Estes aspectos permanecem presentes nos discursos de boa parte dos piauienses e são retomados até hoje como estratégia de pertencimento.
- 4 A historiadora Viviane Pedrazani em *No “miolo” da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí* (2010) chama atenção para os cruzamentos entre a importância simbólica do boi para o cidadão piauiense e as práticas artísticas daí desenvolvidas. Em 2009, o Governo do Estado do Piauí aprovou o Decreto nº 13.765 que reconhece a raça de gado pé-duro como patrimônio cultural do estado, cujo processo de registro foi acatado unanimemente pelo Conselho Estadual de Cultura (PEDRAZANI 2010:99).
- 5 A cidade de Parnaíba fica localizada ao norte no litoral do estado do Piauí, a aproximadamente 330 quilômetros da capital Teresina. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possuía 150.547 habitantes em 2017. Parnaíba se desenvolveu, assim como o estado em geral, também a partir da criação de gado. O explorador português Domingos Dias da Silva chegou à localidade no século XVIII e sua atuação foi continuada por seu filho Simplício Dias da Silva. A região conta com o único Delta em mar aberto das Américas, o Delta do Parnaíba¹, que por meio da ligação do Rio Parnaíba com o Oceano Atlântico propiciou o movimento de embarcações para fora do país. A exportação de charque² levou ao crescimento da cidade e à criação do Porto das Barcas que viria a brigar a Vila de São João da Parnaíba, emancipada em 14 de agosto de 1844.
- 6 A queda do preço da cera de carnaúba e babaçu no mercado internacional acabou enfraquecendo a economia da região, também pautada no comércio desses produtos. O Rio Parnaíba perdeu o seu poder de navegação em virtude da poluição das águas e degradação da mata ciliar. O Porto das Barcas se tornou um espaço turístico e cultural. Parnaíba conta com diversos hotéis, restaurantes, dois *shoppings centers*, universidades públicas³ e privadas, bancos, hospitais, aeroporto, possuindo a infraestrutura de uma cidade média. A cidade está muito próxima de outros municípios do Ceará e especialmente do Maranhão, o que faz de Parnaíba um importante centro médico, estudantil e universitário para várias cidades de seu entorno, como os municípios maranhenses de Tutóia e Araisos.
- 7 Os paradigmas quanto ao surgimento e atividade dos grupos de Bumba-meu-boi de Parnaíba estão muito ligados a eventos da história da colonização da cidade. Viajantes, memorialistas, artistas e gestores públicos de diferentes épocas acabam coincidindo em

muitas de suas observações quando se trata de indagações, por exemplo: como se deu a formação de tantos grupos de Bumba-meu-boi em Parnaíba? Não acredito que o mais importante seja investigar uma pretensa origem do Bumba-meu-boi. Formulações nesse sentido acabam caminhando para uma discussão sobre qual teria sido o lugar que deu origem a esta manifestação popular, lugar este que possivelmente passaria a ser concebido quase que como seu legítimo possuidor. Analisar os discursos sobre a presença do Bumba-meu-boi em território piauiense contribui mais que para os entendimentos sobre sua gênese. Ajuda-nos a entender as concepções que os artistas populares têm sobre o Bumba-meu-boi.

- 8 O oficial da Marinha do Brasil Carlos Joaquim Magalhães no texto *Outra vez em Parnaíba - a "festa do boi"* de seu livro de memórias *Vá pro Piauí* (1981) diz ter ido para Parnaíba justamente em virtude dos festejos juninos. "Dizem que as festas juninas, em tempos idos, eram mais bem festejadas. Hoje, as dificuldades econômicas obrigam o povo a inúmeras restrições; entre aquelas, tudo que é supérfluo, como é natural" (MAGALHÃES 1981:90). Na década de 1980 o autor já aponta para uma visão de que as manifestações populares antigamente seriam mais fortes e que nos anos 1980 já estariam enfraquecendo, possibilitando perceber que entendimentos nesse sentido não são exclusividade dos dias de hoje. O escritor diz que o Bumba-meu-boi é como um bloco carnavalesco, que vai às ruas a dançar e cantar e que "a figura central do bloco é o 'boi'" (MAGALHÃES 1981:91). Analogias entre o Bumba-meu-boi e o carnaval aparecem em diversos discursos sobre o Bumba-meu-boi do Piauí.
- 9 As obras de Botto (1931) e de Magalhães (1981) são as fontes mais antigas localizadas sobre o tema e tratam do caráter policialesco conferido ao Bumba-meu-boi pelas autoridades de Parnaíba. Segundo Magalhães, o "conjunto, antes de se lançar às ruas da cidade, tem de conseguir a licença da polícia". O também funcionário da Marinha Carlos Penna Botto, em *Meu exílio no Piauí* (1931), diz que "outra coisa chocante em Parnaíba e que está a chamar a atenção policial é a bacanal conhecida pela denominação de: 'o boi'" (BOTTO 1931:214). A necessidade de licença junto à polícia local⁴ é um dos principais aspectos apontados pelos entrevistados quando se trata de pensar diferenças entre o início da atividade do Bumba-meu-boi na cidade e a atuação dos grupos atualmente. Em vários momentos que busquei definir com precisão anos ou mesmo décadas isso se apresentou uma grande dificuldade. As memórias acabam se distanciando da necessidade de precisão pelo pesquisador. O fato de existirem poucas fontes escritas sobre o tema em estudo faz com que a produção de entrevistas e o trabalho de cunho etnográfico sejam fontes essenciais para pesquisas sobre cultura popular.
- 10 O aviador Goethe Pires de Lima no capítulo *A lenda do bumba-meu-boi* do livro de memórias *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga* (1984) narra basicamente a tradicional história da morte e ressurreição do boi. O autor faz uso daquele que é paradigma recorrente nas diversas tentativas de explicar uma suposta origem do Bumba-meu-boi em Parnaíba (e em outras regiões do Brasil): a miscigenação. De acordo com o escritor, "assume capital importância o cruzamento do índio com o negro, cujo resultado é o caboclo, tipo peculiar, cheio de credences afro-brasileiras, misturadas à religiosidade cristã do português" (LIMA 1984:9).
- 11 O dramaturgo Benjamim Santos⁵ no livro ainda inédito *Veredas da meia-lua: o boi de São João da Parnaíba* (2005) defende que o Bumba-meu-boi surgiu há mais de duzentos anos no Brasil Colônia a partir do cruzamento de elementos provenientes das culturas dos

índios, dos negros escravizados e dos portugueses. “Dos negros, vieram os tambores; dos índios, a arte plumária e o gosto por contas, vidrilhos e espelhos; dos brancos, o prazer do luxo e do brilho no trajar. Esse luxo aparente faz contraponto com a pobreza real dos brincantes” (SANTOS 2005:14).

- 12 Cafuringa é artesão que atua tanto no Carnaval quanto no Bumba-meu-boi em Parnaíba. É responsável pela fabricação dos bois de praticamente todos os grupos da cidade. Em entrevista, ao ser perguntado sobre as motivações para a usual aproximação entre o Bumba-meu-boi, a história da colonização do Piauí e as fazendas de gado, comenta: “No tempo do Simplício [Simplício Dias da Silva] quem tinha um boi, o boi mais famoso, era o boi do Pacamão. Toda vez que o Simplício Dias ficava bem de vida, aquilo outro, bem alegre, mandava chamar o boi para brincar no terreiro dele” (CAFURINGA 2017). O artista popular faz uma aproximação entre o Bumba-meu-boi e Simplício Dias da Silva, colonizador e explorador de fazendas de gado no litoral piauiense no século XVIII, e que teria sido patrocinador do grupo mencionado⁶.

Cafuringa após entrevista na quadra de sua Escola de Samba, a *Império do Cais*.
Autor: Wesley Fontenele, 2017.

- 13 A miscigenação é muitas vezes utilizada para buscar interpretar estruturalmente a própria formação da sociedade brasileira. Afirmar que o Bumba-meu-boi surgiu da mescla da cultura de três povos (índios, negros e brancos) e que os elementos provenientes de cada cultura são facilmente discerníveis tem uma consequência: simplifica os entendimentos sobre o desenvolvimento da cultura popular e romantiza o caráter conflituoso envolvendo esses povos ao longo da história colonial brasileira e piauiense.
- 14 Santos em volume de seu jornal cultural *O Bembém* lança o desafio *Bumba-meu-boi: meu boi bumbá* (2017) em que seleciona nove perguntas com respostas que vão de “a” a “d”

sobre o Bumba-meu-boi de Parnaíba. O referido jornal é importante fonte para o interessado em conhecer temas diversos sobre a cultura popular piauiense, especialmente sobre o Bumba-meu-boi, tema de predileção do editor do jornal.

- 15 Algumas das perguntas e respectivas respostas do “desafio” contribuem na discussão sobre os paradigmas do surgimento do Bumba-meu-boi em Parnaíba e da atividade dos grupos nos dias de hoje. “Reunindo elementos das três culturas que fizeram o Brasil (branca, negra e indígena), quais os elementos da cultura africana mais presente no Boi de São João da Parnaíba?” A resposta seriam os “tambores”. “Até 70 anos, cada Batalhão tratava outro como seu inimigo. Se dois Bois se encontravam, no meio da noite, era uma briga geral que terminava na delegacia e na Santa Casa. Como um Boi chama o outro?” Os bois rivais são chamados em Parnaíba de “contrários”.
- 16 Assim como no Boi-Bumbá de Parintins (AM)⁷ e em outros contextos festivos, a rivalidade é aspecto importante da atividade dos grupos de Bumba-meu-boi, o que transparece especialmente durante o preparo para a competição no *Concurso de Bois* do *São João da Parnaíba*. Há também disputa para ser considerado o grupo mais “tradicional”, “moderno”, ou o “genuinamente parnaibano”, dentre outras chancelas que valoram simbolicamente a atividade dos artistas. “Nos dias atuais, qual a mudança mais radical que aconteceu nos Bois de Parnaíba em relação à brincadeira dos velhos tempos, quando os Bois eram formados somente por homens?” Benjamim Santos acredita que a principal modificação na atividade dos grupos é a “presença de mulheres na brincadeira”⁸. Por fim, o dramaturgo chama atenção para as tensões existentes na competição no *São João da Parnaíba* e a relação dos grupos com a Prefeitura de Parnaíba: “Levados pelo espírito de competição do Arraial feito pela Prefeitura que, a cada ano, elege um Campeão, os bois vêm se tornando cada vez mais luxuosos. Quanto custa, aproximadamente, a confecção de um grande Boi, o animal de madeira e pano?” A resposta: “oitocentos reais” (SANTOS 2017:2).
- 17 O Plano Diretor do Município de Parnaíba (Lei nº 2.296/2007) traça objetivos e define várias características do urbanismo da cidade, que segundo o documento possui trinta bairros. Além destes, são traçadas Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS, que são assentamentos já existentes, habitados por pessoas de baixa renda e que necessitam de um tratamento diferenciado dos bairros, como: proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural; intervenção do poder público com a finalidade de regularização urbanística e fundiária; incentivo a atividades culturais e de lazer; dentre outras questões. Uma das ZEIS é a Ilha Grande de Santa Izabel, onde está localizado o grupo de Bumba-meu-boi *Novo Fazendinha*. A Ilha é considerada por Santos como um dos “três berços”, um dos “três celeiros” do Bumba-meu-boi de Parnaíba, ao lado dos bairros São José e Catanduvás (SANTOS 2005:28). Os grupos adultos desses bairros são, respectivamente, *Flor do Lírio* e *Rei da Boiada*. Existem ainda os grupos de Bumba-meu-boi dos demais bairros. Segundo o autor, “botar um boi nesses três bairros tornou-se uma tradição que parece inquebrantável. Nenhum dos seus moradores se conforma se o seu bairro passar um ano sem Boi. Atualmente, cada um deles veste dois Batalhões, um de adultos e um de crianças” (SANTOS 2005:28).
- 18 A Ilha Grande de Santa Izabel é composta por uma área de praia, dunas, mangue, igarapés e carnaubais, caracterizando-se como uma região bem diferente do restante de Parnaíba. É comum os habitantes da Ilha falarem frases como “Quando temos que ir para Parnaíba”, “Lá em Parnaíba...”, o que dá a ver distanciamento simbólico em relação ao pertencimento ao município. Em 1994 parte da Ilha foi emancipada e virou o

município de Ilha Grande. Os moradores de outras regiões de Parnaíba também veem a Ilha Grande de Santa Izabel como um espaço outro em relação ao restante da cidade.

Imagem coletada junto ao Google Mapas daqueles que são considerados os três celeiros do Bumba-meu-boi de Parnaíba.

Fonte: Google Mapas. Acesso em 03 de maio de 2018.

- 19 Na imagem acima é possível ver onde estão localizados os bairros Catanduvas, São José e a ZEIS de Ilha Grande de Santa Izabel. Esta é a maior ilha do Delta do Parnaíba, uma de suas principais portas de entrada, e está muito próxima do Maranhão, localizada entre o Rio Parnaíba e o Oceano Atlântico. Segundo Santos, quando acontecem “grandes enchentes do Rio Parnaíba, a Ilha é invadida pelas águas, que derrubam casas e deixam parte da população ao desabrigo. Nessas épocas, os carnaubais continuam virentes, mesmo dentro d’água, numa paisagem de beleza passageira” (SANTOS 2005:29).
- 20 Serafim Leite em *História da Companhia de Jesus no Brasil* (1945) escreve que as “bocas do [Rio] Parnaíba” eram povoadas pelos índios tremembés, cuja aproximação com os padres jesuítas só se consolidou a partir de 1722 pelas investidas do padre João Tavares (LEITE 1945:165). O jesuíta teria se instalado na cidade de Tutóia, nome conferido ao território pelos próprios índios. O missionário obteve da Corte a Ilha dos Cajueiros e algumas terras para o aldeamento dos nativos, as quais acabaram sendo invadidas por fazendeiros. Segundo Leite, bois foram introduzidos pelos invasores em terras que deveriam ser de exclusividade dos índios e da igreja católica. Os tremembés eram índios ditos violentos e por isso a região do Delta do Parnaíba demorou a ser explorada, havendo muitos relatos como: “A região do rio Parnaíba é quase toda capaz de criar gado e não está povoada por causa do muito gentio bravo que na beira dele habita” (CARVALHO apud MOTT 2010:174). A condição dos próprios índios para se deixar aldear teria sido de não servirem aos brancos. No entanto, acabaram servindo nas pastagens de gado: “Quanto à questão dos irmãos Lopes e primo Rocha parece que a pendência terminou, resolvendo-se os Padres a comprar o gado que eles ali introduziram. E assim começaria a criação de gado de Tutóia” (LEITE 1945:167). Como dito, existem variados discursos que relacionam questões históricas especialmente do período colonial do Brasil e do Piauí com a atividade contemporânea dos grupos de Bumba-meu-boi. Podemos destacar: (1) as fazendas de gado do Piauí Colonial e (2) a presença do índio na

formação da sociedade brasileira. Em Mott (2010) e em Leite (1945), vê-se como esses dois dados se cruzam nas “bocas do Parnaíba”.

- 21 O número 54 (junho de 2012) do jornal *O Bembém* é dedicado à Ilha Grande de Santa Isabel e traz o especial *Um passeio pela Ilha: esse esquecido outro lado do rio*. Sólina Genuína relata as diversas localidades que visitou em sua visita de campo. A autora escreve em *Fazendinha: o bairro central da ilha* que a Ponte Simplício Dias construída em 1973 representa um dos principais marcos para o desenvolvimento da Ilha, uma vez que antes seus moradores tinham que atravessar o rio em canoas para estudar e trabalhar (GENUÍNA 2012:8).
- 22 A única rua asfaltada da Ilha Grande de Santa Isabel é a rodovia PI-116 que a liga ao continente. Sólina Genuína em *À Ilha, com amor* defende que foi o descaso dos parnaibanos e de seus ex-prefeitos que levou à perda de parte do território quando foi criado o município de Ilha Grande. A autora cita o livro *Parnaíba: cada rua sua história* de Caio Passos, que sequer menciona a Ilha Grande de Santa Isabel, o que “é a revelação mais cruciante de como a Parnaíba Oficial sempre esqueceu ‘o outro lado do rio’. Um ‘outro lado’ que é pujante de vida própria; berço de muitas culturas, como o Boi de São João e os trabalhos com palha de carnaúba” (GENUÍNA 2012:4).
- 23 A Fazendinha é sub-bairro da Ilha Grande de Santa Isabel e é onde está localizado o grupo *Novo Fazendinha*. Os comentários aqui apresentados sobre o Bumba-meu-boi de Parnaíba partem especialmente da prática deste grupo a partir de trabalho de campo e de entrevistas realizadas com alguns de seus integrantes. Não seria possível levantar as questões em abstrato, sem partir de casos específicos. O *Novo Fazendinha* foi escolhido pela abertura de seus dirigentes para a presente pesquisa e por ser um dos grupos que mais se destacam no *Concurso de Bois do São João da Parnaíba*.
- 24 Abrão (2010) afirma que o grupo *Novo Fazendinha* faz parte de um contexto de criação do Bumba-meu-boi do norte do Piauí que define como “tradição Delta”. Estes seriam os grupos de Bumba-meu-boi influenciados e parceiros de outros grupos das demais cidades localizadas na região do Delta do Parnaíba (ABRÃO 2010:10). Os grupos têm relação próxima com outros localizados, por exemplo, na cidade maranhense de Tutóia. O autor diz que a tradição Delta “parece dialogar bastante com os bois da Ilha Grande de Santa Isabel, onde se localizam os bois ‘Novo Fazendinha’ e seu ‘contrário’ ‘Brilho da Ilha’, bem como outros pequenos grupos” (ABRÃO 2010:10). O grupo *Brilho da Ilha* está localizado na mesma rua que o *Novo Fazendinha* e é considerado o seu “boi contrário”, o que se deve ao fato de ambos ocuparem o mesmo território: a Rua Evangelina Rosa, Fazendinha, Ilha Grande Santa Isabel, Parnaíba, Piauí.
- 25 Cafuringa comenta a relação conflituosa envolvendo os dois grupos e narra algo que aconteceu em 2017: “Nós estamos no século XXI, já teve foi faca. Jogaram pedra nos outros, quero é que tu veja, é briga feia! Os irmãos ficam mal com os primos. O amo [Canário] ia sair com o primo [Acrísio, presidente do *Novo Fazendinha*]” (CAFURINGA 2017). Canário, conhecido amo⁹ de bumba-meu-boi, acabou apresentando-se pelo *Brilho da Ilha*, rival do boi de sua família.
- 26 O *Brilho da Ilha* é comandado por Lucia Aguiar, única mulher presidente de grupo de Bumba-meu-boi em Parnaíba. Em entrevista, comentou, como ela disse, as “parcerias” entre o *Brilho da Ilha* e grupos da cidade maranhense de Tutóia, como o *Boi de Araçá*: “A gente começou essa parceria no ano passado. Eu vou para lá, levo meus brincantes para

ensaiar e ele vem para cá, traz os brincantes dele. Ano passado ele trouxe o boi dele e apresentou no *São João da Parnaíba*” (AGUIAR 2017).

- 27 João Rodrigues tem aproximadamente 85 anos, é ex-amo do *Novo Fazendinha*, e é um dos brincantes mais antigos da cidade. Seus relatos são esclarecedores sobre as mudanças estéticas e no formato dos grupos e de suas apresentações. João Rodrigues reclama que os grupos praticamente não são contratados para se apresentar fora da época do *São João da Parnaíba* e que muitas vezes são as cidades do Maranhão que os convidam: “Não vão mais chamar a gente para pagar. Chamam as cidades de fora. Chamam a gente para o Maranhão, para essas cidadezinhas aqui perto de Parnaíba” (RODRIGUES 2017). Esses relatos vão de encontro ao exposto por Abrão sobre as trocas entre grupos da Ilha e de outras localidades que compõem o Delta, como é o caso do município Tutóia.

Lucia Aguiar. Autor: imagem disponibilizada pela artista e fotografia de Wesley Fontenele, 2017.

- 28 No sub-bairro Fazendinha existiram grupos de Bumba-meu-boi que estiveram entre os mais importantes da cidade em décadas anteriores. É o caso do *Fazendinha*, que existiu na Ilha por volta dos anos 1950. Santos (2005) traça diversas categorias relativas às tendências adotadas para dar nome aos grupos de Bumba-meu-boi. A categoria do *Novo Fazendinha* seria a de “alusão ao renascimento de Bois anteriores” (SANTOS 2005:24). João Rodrigues comenta ter assistido ao antigo *Fazendinha*:

O antigo *Fazendinha* eu acompanhei como garoto com 15, 16 anos porque eu gostava, toda vida eu gostava de brincadeira de boi. Toda vida fui fanático por brincadeira de boi. O antigo *Fazendinha* foi criado aqui dentro da Ilha. Não é mesmo da Parnaíba. O boi da Parnaíba tinha nem graça pro povo. O povo quis saber mesmo desses daqui. Nesse tempo não existia ponte, não tinha ponte aqui ligando a Ilha não. Mas eu vinha de canoa assim mesmo. Atravessava e vinha pra cá pra assistir os ensaios e a brincadeira. Então, tinha que atravessar pra brincar lá, então eu tava lá rente, porque eu gostava da brincadeira deles, porque eu achava bonita a brincadeira deles. Eles se formavam daqui, mas brincavam mais na cidade porque aqui [na Ilha] a população... Hoje não, a Ilha dá uma cidade, mas antigamente era coisa pequena. Tinha o boi aqui, mas brincava só na cidade. Fiquei de entrar de novo no jogo quando esses meninos inventaram de botar um boi aí [o atual *Novo Fazendinha*]. Resgatou o antigo *Fazendinha*, que tinha terminado há muitos anos, que era um boi de tradição aqui da Ilha Grande de Santa Isabel. O dono veio à falência, aí ficou parado muito anos (RODRIGUES 2017).

- 29 João Rodrigues, a partir de seus comentários sobre o antigo grupo *Fazendinha*, torna possível perceber de forma mais clara a tensão quanto ao pertencimento de parte das pessoas da Ilha Grande de Santa Izabel à cidade de Parnaíba (“O antigo *Fazendinha* foi criado aqui dentro da Ilha, não é mesmo da Parnaíba”).
- 30 O *Novo Fazendinha* foi criado em 2004. Vê-se no trecho transcrito a intenção de retomar a atividade de um antigo boi de sucesso (*Fazendinha*) através da criação de um novo grupo. Essa tentativa de recuperar a memória do grupo antigo se dá como uma forma de busca pela legitimação de seu próprio trabalho, uma vez que o novo boi seria o refundador daquele que foi um dos mais tradicionais grupos da Ilha Grande Santa Izabel, em Parnaíba.
- 31 João Rodrigues é um dos brincantes de boi mais experientes de Parnaíba. Agricultor, nasceu na década de 1930 na cidade maranhense de Araíoses, também uma porta para o Delta do Parnaíba e relativamente próxima da Ilha Grande de Santa Izabel. Cresceu em Parnaíba, retornando para sua cidade natal com 19 anos por volta de 1954. Teve a vontade de “botar um boi”, e passou 42 anos como dono e amo de grupos de Bumba-meu-boi, tanto no Maranhão quanto no Piauí. Retornou já com sua família para a Ilha Grande de Santa Izabel. Por volta de 1974, já no Piauí, voltou a “brincar” e a brincadeira durou vinte anos, até decidir parar. Em 2004 seus filhos e netos resolveram criar o *Novo Fazendinha*, com isso, de acordo com Rodrigues, o ajudaram a “se levantar”.

Imagem de João Rodrigues e fotografia tirada nos anos 1980 na Ilha em que também estão seu filho Canário e um proprietário de grupo de boi.

Autor: Wesley Fontenele, 2017.

- 32 O grupo *Novo Fazendinha* é formado por uma família de cinco irmãos, todos conhecidos na Ilha pelo apelido Pirão e que vivem em cinco casas vizinhas: João, Honório, Cristóvão, Paulo e Acrísio. As cinco famílias habitam casas simples na Rua Evangelina Rosa na Fazendinha. Acrísio tem aproximadamente 40 anos e é o presidente do grupo, mas praticamente a família inteira participa das decisões e da criação do *Novo Fazendinha*, recortam, pintam, desenhavam, cantam, dançam, criam os figurinos, dentre outras funções.

- 33 Douglas Bruno é neto de João Rodrigues, sobrinho de Acrísio e pajé do *Novo Fazendinha*. Ele tem sido meu contato mais próximo dentro do grupo. Conversando em uma rede social, perguntei para o artista se ele saberia algo sobre a presença de indígenas na Ilha Grande de Santa Izabel. Ele imediatamente respondeu que já havia escutado que sua falecida avó era “descendente de índios”. Posteriormente disse que conversou com a família e que na verdade o “descendente de índios” seria João Pirão, seu outro avô. Meses depois quando estive presente na sede do *Novo Fazendinha* tentei conversar sobre essa questão com Douglas e outros de seus familiares, que me disseram: “Esta memória se perdeu”. É possível perceber que a origem indígena não é algo tão preciso para a família de artistas do *Novo Fazendinha*, ainda que estes sejam provenientes da região do Rio Parnaíba antes densamente povoada pelos índios tremembés (CARVALHO apud MOTT 2010:174).
- 34 A roncadeira é um tipo de cuíca que emite o ronco do boi. Santos (2005) afirma que o instrumento vem desaparecendo do Bumba-meu-boi de Parnaíba. Ele, quando Secretário da Cultura, tentou tornar o uso da roncadeira um dos quesitos do *Concurso de Bois do São João da Parnaíba*, o que foi declinado pelos donos dos grupos, pois não haveria tempo para ensaio com o instrumento para aquela edição. Em artigo do regulamento vigente há a afirmação de que são “instrumentos essenciais e tradicionais do boi parnaibano” os tambores, o maracá, o apito de marcação e a roncadeira. Em 2004, no primeiro ano de atividade do *Novo Fazendinha*, o grupo alcançou o 2º Lugar no *Concurso de Bois do São João da Parnaíba* e em 2005 conseguiu o 1º lugar. Segundo Santos:
- a apresentação que o levou ao 1º Lugar foi impecável. [...] Esperto, o Amo Canário, aproximava o seu microfone da Roncadeira e o Ronco do Boi se espalhava por toda Arena, encantando os julgadores tradicionalistas. Mas essa vitória do *Novo Fazendinha* confirmou a contradição dos tradicionalistas pois trata-se de um Boi cheio das novidades que os tradicionalistas abominam [...] Eles sequer devem ter percebido que os dois primeiros Caboclos Reais, os Guias, eram duas moças. Jamais havia acontecido tal. E, para mais firmar o futuro do Boi na Parnaíba, é um Boi de jovens, fenômeno que vem se tornando uma tendência geral. Nenhum brincante do *Novo Fazendinha* tem sequer 30 anos, com exceção de dois dos três Amos João e José Rodrigues; o terceiro, o Naldo, tem apenas 22 anos... e muita brincadeira pela frente (SANTOS 2005:79).
- 35 Vê-se a partir do trecho destacado como elementos considerados tradicionais e outros ditos modernos estão muitas vezes simultaneamente presentes nas práticas dos artistas populares. Ser moderno ou ser tradicional pode tornar um grupo mais bem visto pelo público e pelos jurados. Tradicional pela utilização de um instrumento já em desuso, pela tentativa de recuperar a memória e a história de um grupo de boi do século passado. Moderno por uma formação jovem de seus componentes e por distribuir os personagens por uma lógica diferente da dos demais grupos, inclusive quanto ao gênero do/da artista. Esta ambivalência é mais um elemento que chama atenção para o grupo *Novo Fazendinha*, que dá a ver a complexidade da atividade dos grupos de Bumba-meu-boi de Parnaíba e de suas anuais apresentações no *São João da Parnaíba*.
- 36 Em 2017, a nova gestão municipal decidiu mudar o formato do *São João da Parnaíba*, que tinha como evento central o *Concurso de Bois* e quadrilhas no quadrilhódromo. A prefeitura diminuiu o número de grupos premiados e o valor em dinheiro para os bois vencedores. A partir dessas modificações unilaterais e sem discussão com os artistas, alguns grupos, inclusive o *Novo Fazendinha*, decidiram boicotar, não participando do *São João da Parnaíba* de 2017. Outros grupos já retomaram suas atividades e voltaram a competir no *Concurso de Bois*. Os organizadores do *Novo Fazendinha* permanecem

distanciados do Bumba-meu-boi. Além da relatada dificuldade de diálogo com a gestão de cultura do município, o grupo ainda possui dívidas em lojas da cidade referente à compra de material para fabricação do figurino de apresentações de anos anteriores.

- 37 Em janeiro de 2019 fui novamente à sede do *Novo Fazendinha* para visitar Acrísio, Douglas e a família. Em seguida, fui com Acrísio até a casa de João Rodrigues, que mora em outra região da Ilha Grande de Santa Izabel. Após um tempo de conversa, Acrísio, que trabalha como mototaxista, me levou de volta ao centro de Parnaíba. Ao nos despedirmos, o organizador do *Novo Fazendinha* disse que esperava poder em breve entrar em contato comigo para me falar que o grupo havia voltado a brincar Bumba-meu-boi. Assim, as mudanças estéticas, o fim de grupos como o antigo boi *Fazendinha* e as pausas temporárias como a do *Novo Fazendinha* devem servir para percebermos o dinamismo da cultura popular.

BIBLIOGRAFIA

- ABRÃO, Calil Felipe Zacarias. 2010. "Tradição ou tradições: o bumba-meu-boi no Norte do Piauí". In: Anais do I Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS). Fortaleza. pp. 1-13.
- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. 2004. O "urrou" do boi em Atenas: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP. Campinas.
- AGUIAR, Lucia. 2017. Entrevista concedida a Wesley Fontenele. Parnaíba, 21. Abr.
- BOTTO, Carlos Penna. 1931. Meu exílio no Piauí. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- FERREIRA, José do Nascimento (Cafuringa). 2017. Entrevista concedida a Wesley Fontenele. Parnaíba, 20. Abr.
- GENUÍNA, Sólina. 2012. Fazendinha: o bairro central da Ilha. O Bembém. Parnaíba, jun.
- LEITE, Serafim. 1945. Prefácio. In: _____. História da Companhia de Jesus no Brasil, tomo 3. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- LEITE, Serafim. 1945. Rio Parnaíba. In: _____. História da Companhia de Jesus no Brasil, tomo 3. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- MAGALHÃES, Carlos Joaquim. 1981. Outra vez em Parnaíba: a "festa do boi". In: _____. Vá pro Piauí. S.l.: Editora Bel-Ami.
- MOTT, Luiz. 1985. Piauí colonial: população, economia e sociedade. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN.
- PEDRAZANI, Viviane. 2010. No "miolo" da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí. Tese de Doutorado História Social, UFF.
- REBELO, Goethe Pires de Lima. 1984. A lenda do bumba-meu-boi. In: _____. Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga. Rio de Janeiro: ADOIS.
- RODRIGUES, João. 2017. Entrevista concedida a Wesley Fontenele. Parnaíba, 24. Abr.

SANTOS, Benjamim. 2005. Veredas da meia-lua. O Boi de São João da Parnaíba. Parnaíba: s.n.

_____, Benjamim. 2017. Bumba-meu-boi: meu boi bumbá. O Bembém. Parnaíba, abr.

VALENTIN, Andreas. 2005. Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Editora Valer.

NOTAS

1. O Delta do Parnaíba é o único Delta em mar aberto das Américas, está situado entre os estados do Maranhão e do Piauí, é formado pelo Rio Parnaíba, que tem 1.485 km de extensão, envolvendo dezenas de ilhas, com suas dunas e mangues. O Delta é um dos mais importantes pontos turísticos do Piauí, atraindo visitantes de vários estados do Brasil e de outros países. Os pacotes para conhecer o Delta são vendidos no Porto das Barcas e custam aproximadamente sessenta reais, incluindo o passeio de barco pelo Rio Parnaíba, visita a algumas ilhas do Delta, almoço e uma porção de caranguejo ao fim do passeio.
2. Carne de gado cortada, desidratada e salgada.
3. Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar), criada no início de 2016 através de desmembramento da Universidade Federal do Piauí (UFPI).
4. Não é uma especificidade do Bumba-meu-boi de Parnaíba, Piauí. O preconceito das elites com o Bumba-meu-boi e com a cultura popular fez com que durante muito tempo os grupos ficassem, por exemplo, restritos às áreas periféricas da capital maranhense São Luís e que lá também fosse necessária autorização policial para a realização de apresentações (ALBERNAZ, 2004, p. 42).
5. O autor disponibilizou muito gentilmente o referido livro, o qual foi bastante importante para o processo de escrita deste trabalho. A obra trata das reflexões de Santos desde a proximidade com o Bumba-meu-boi na infância até quando foi Secretário de Cultura de Parnaíba.
6. Essa narrativa não foi encontrada em outras fontes (jornais, livros ou entrevistas).
7. Andreas Valentin desenvolveu pesquisa sobre a rivalidade entre os grupos *Garantido e Caprichoso* (Boi-Bumbá de Parintins): *Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins* (2005). Percebe-se que a categoria “contrários” também está presente nesse outro contexto festivo para fazer referência à disputa entre grupos. Albernaz (2004) também comentou o tema no contexto maranhense em sua tese de doutorado já mencionada.
8. Vários dos entrevistados sinalizaram que a entrada de mulheres no Bumba-meu-boi de Parnaíba é uma de suas principais mudanças.
9. Um cantor mestre de cerimônias, responsável pelo encadeamento da história ao longo da apresentação de boi.

RESUMOS

Este artigo discute a atividade dos grupos de Bumba-meu-boi de Parnaíba (Piauí), em diálogo com a história da cidade. O *São João da Parnaíba* é a maior festa popular do município piauiense, com seus grupos de boi, quadrilhas e apresentações de bandas musicais. Os comentários apresentados partem da prática do *Novo Fazendinha*, que é um dos grupos que mais se destaca no *Concurso de Bois do São João da Parnaíba*. É resultado do trabalho de campo desenvolvido em janeiro/2017 e

abril/2017 e da análise de entrevistas produzidas com artistas que atuam no Bumba-meu-boi desde os anos 1950. Conclui-se que alguns paradigmas da história da colonização do Piauí – como a miscigenação – influenciam a forma como os artistas veem suas práticas e que os discursos da tradição e modernidade são muitas vezes instrumentalizados para valorar o trabalho dos artistas perante os grupos considerados rivais e os jurados do *Concurso de Bois*.

This article discusses the activity of the groups of Bumba-meu-boi of Parnaíba (Piauí), in dialogue with the history of the city. *São João da Parnaíba* is the largest popular festival in the city of Piauí, with its Bumba-meu-boi groups, quadrilhas and musical bands. The comments presented come from the practice of *Novo Fazendinha*, which is one of the groups that most wins the *Concurso de Bois* of *São João da Parnaíba*. It is the result of the fieldwork developed in January/2017 and April/2017 and the analysis of interviews produced with artists who have been working on Bumba-meu-boi since the 1950s. It is concluded that some paradigms of the history of the colonization of Piauí – like the miscegenation – influence the way artists see their practices and the discourses of tradition and modernity are often exploited to value the work of the artists before the groups considered rivals and the judges of the *Concurso de Bois*.

ÍNDICE

Keywords: bumba-meu-boi, São João da Parnaíba, Piauí, Parnaíba, Popular Culture

Palavras-chave: bumba-meu-boi, São João da Parnaíba, Piauí, Parnaíba, Cultura Popular

AUTOR

WESLLEY FONTENELE FROTA

Professor de Artes Cênicas – Prefeitura do Rio de Janeiro, doutorando e Mestre em Artes – UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Licenciado em Teatro – UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). E-mail: weslley.fontenele@hotmail.com